

ESCREVER O LUTO, HOSPEDAR A ÍNTIMA RUÍNA

WRITING THE MOURN, HOSTING INTIMATE RUIN

MARIA LUIZA MORAESⁱ

<https://orcid.org/0009-0005-0648-9825>

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

SUELY AIRESⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-0802-9070>

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

Resumo: A radicalidade da morte, o “nunca mais” que a acompanha, inaugura no enlutado um estrangeirismo próprio daqueles que sofrem uma ruptura. A escrita, se aproximada da noção de *hospitalidade absoluta* proposta por Jacques Derrida (1996), é pensada enquanto capaz de ofertar a este estrangeiro/enlutado um abrigo, sem, no entanto, cobrar-lhe uma suposta inteligibilidade, um nome. Assim, através de escritas do luto que compõe o campo literário, investiga-se como a escrita cede lugar para que o enlutado possa rasurar, ressuscitar e recriar palavras, diante de um estranhamento vivenciado em quatro frentes: no corpo, no externo, no tempo e na linguagem. Em primeira e última instância, eleva-se a escrita à condição de hospedeira da mais íntima ruína: a perda de um objeto de amor.

Palavras-chave: escrita; luto; íntimo; psicanálise

Abstract: The radical nature of death, the “never again” that accompanies it, inauguates in the mourner a foreignness typical of those who suffer a rupture. Writing, if approached from the point of view of absolute hospitality proposed by Jacques Derrida (1996), is thought of as capable of offering this foreigner/mourner a shelter, without, however, charging them for a supposed intelligibility, a name. Thus, through writings on mourning that make up the literary field, we investigate how writing gives way so that the mourner can erase, resurrect and recreate words, in the face of a strangeness experienced on four fronts: in the body, in the external, in time and in language. In the first and last instance, writing becomes the host of the most intimate ruin: the loss of a love object.

Keywords: writing; mourning; intimate; psychoanalysis

O “Trabalho” pelo qual (dizem) saímos das grandes crises (amor, luto) não deve ser liquidado apressadamente; para mim, ele só se realiza na e pela escrita.

Roland Barthes

I

Uma epígrafe, por ser ponto de começo, serve-nos, em alguma medida, para anunciar a trama textual porvir. No entanto, essa é apenas uma entre algumas outras passagens do *Diário de luto* de Roland Barthes (1977–1979/2011) que poderiam anunciar-la. A certa altura, a escrita, além de ser a que *realiza* o trabalho do luto — o grifo é do próprio Barthes —, também integra sua tristeza, apetece-lhe, é porto, salvação, aquela em que ele se agarra a fim de barrar a grande Depressão de ter perdido a sua muitíssima amada mãe. “Escrever para lembrar?”, pergunta-se, ao passo que ensaia uma resposta na escrita: “não para *me* lembrar, mas para combater a dilaceração do esquecimento” (Barthes, 1977–1979/2011, p. 110).

O que pode ainda realizar a escrita, quando a planura da vida sofre uma quebra? Quando o mundo deixa de repousar à sombra dos hábitos após a morte de um objeto de grande valia? Bianca Dias (2017), ao perder o filho recém-nascido, conta-nos ter encontrado na brancura da página “um litoral, ponto pacífico de hospedagem da dor” (Dias, 2017, p. 49). Noemi Jaffe (2021), na radicalidade da perda de sua mãe, localiza a escrita como uma zona de descoberta, em que “alguma lógica, ainda que absurda, vai se perfazendo” (Jaffe, 2021, p. 27). Enquanto os dias seguem se movendo sem pausa ou descanso, Lilian Sais (2024) realiza pela escrita um pequeno inventário dos presentes que recebeu do seu falecido pai ao longo da sua vida: uma ampulheta, um telescópio, uma bússola e, o último deles, um relógio antigo parado, ao qual se segura “como quem segura o tempo” (Sais, 2024, p. 37).

As escritas do luto, que inscrevem traços autobiográficos, *hospedam* — retomo a palavra utilizada por Dias (2017) — o íntimo de um sujeito transpassado pelo nunca mais da morte. Íntimo que vai desde a confissão de que, mesmo passado o tempo, mesmo passados anos, ainda diz “Boa noite, Pa, dentro da sua cabeça, antes de dormir, e ele ainda

responde, boa noite, meu amor” (Timerman, 2023, p. 116), até a elaboração de uma lista de medos: “formolização. Miocardite. Ninguém aparecer. Enterrar a Minha Outra Filha” (Ferro, 2018, p. 82).

Lanço a questão no intuito de desdobrá-la: poderíamos seguir a construção de Jacques Derrida (1996) em sua fala sobre a hospitalidade e conceder à escrita o estatuto de *hospitalidade absoluta* a um luto, por ser capaz de alojar em seu bojo o rasgo, a tensão, inconciliáveis e irredutíveis, sem, no entanto, cobrar do sujeito uma suposta inteligibilidade? Sem lhe cobrar um nome? O que nos dizem essas escritas em farrapos acerca do poder da escrita em abrigar a mais íntima ruína?

II

Comecemos pela *hospitalidade absoluta* e sua possível confluência com a escrita. Em resposta ao convite realizado por Anne Dufourmantelle, Derrida (1996/2003) aborda o tema com rigor, atuando como um exímio “revelador fotográfico” (Dufourmantelle, 1996/2003, p. 8). Em outras palavras, transforma o invisível (imagem latente) em visível aos nossos olhos. Apresenta-nos um panorama filosófico, sem que sejam excluídas as suas lufadas literárias. Há uma diferença na sua abordagem que talvez o torne ainda mais interessante no empreendimento de paridade com a escrita do luto: em vez de partir da própria hospitalidade, Derrida (1996/2003) parte da figura do estrangeiro.

O estrangeiro em questão encarna-se no humano. Nada mais é que um estranho chegando a uma pólis regida por leis e sustentada pela rígida lógica do *pater*: “o ser que é e o não-ser que não é” (Derrida, 1996/2003, p. 7). Ao ocupar a indefinição, a borda, ao ser em primeira instância um desconhecido adentrando um território com acordos já traçados, o estrangeiro torna-se, de imediato, uma ameaça. Nos diálogos platônicos, o estrangeiro (*ksénos*) é quem frequentemente questiona. “Como se o Estrangeiro devesse começar contestando a autoridade do chefe, do pai, do chefe de família, ‘do dono do lugar’, do poder da hospitalidade” (Derrida, 1996/2003, p. 7).

Ele também está caracterizado enquanto o que não domina a língua local ou só o faz fragmentariamente. Ou seja, não deixa de inserir determinadas fissuras na linguagem ou de friccioná-la, fazendo-a funcionar a partir de outros métodos. Seu interesse não está em aniquilar o *pater*, mas em questioná-lo a fim de incluir a sua diferença: “é que será

necessário, para nos defender, questionar a tese (*lógon*), do nosso pai Parmênides e, por força, estabelecer que o não-ser é, sob qualquer consideração, e que o ser, por sua vez, de certa maneira não é” (Derrida, 1996/2003, p. 7).

Desse modo, dar-se-á a ver que o estrangeiro propõe um giro, uma volta a mais na noção do ser. Como se — faço aqui um alargamento — na sua qualidade de “não ser”, de não ser parte, não-ser igual, não-ser da língua, ele reivindicasse um espaço: “*o não-ser é*”. Assim, a questão do estrangeiro virá a articular-se com a da hospitalidade. Deve-se fazer alguma exigência ao estranho que chega? Deve-se pedir, por exemplo, que ele fale a língua compartilhada antes de que lhe seja ofertado o espaço que pede?

Derrida (1996/2003) rememora, através de Benveniste, os tratados atenienses em que o estrangeiro era dotado de direitos quando ligado a uma linhagem familiar. Apesar de vir de longe, se portasse um nome próprio, se fizesse parte de um grupo familiar do território, ele teria sua hospitalidade salvaguardada. Nessas condições, “não se oferece hospitalidade ao que chega anônimo e a qualquer um que não tenha nome próprio, nem patronímico, nem estatuto social, alguém que logo seria tratado não como estrangeiro, mas como um bárbaro” (Derrida, 1996, p. 23). A lei da hospitalidade recairia então em uma espiral paradoxal, vide sua incapacidade de generalização a todo e qualquer um.

Frente a tal paradoxo, Derrida (1996/2003) nos mostra uma hospitalidade que romperia com o uso corrente do termo: ela viria acrescida do adjetivo “absoluta”. A *hospitalidade absoluta* exige que as portas sejam escancaradas sem que o estrangeiro possua um nome, um estatuto social: “ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir, que eu o deixe chegar, ter um lugar no que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo seu nome” (Derrida, 1996/2003, p. 25).

Contrariando o movimento impositivo de pedir explicações antes de abrir espaço, na *hospitalidade absoluta* conserva-se uma espécie de candura. A pergunta, se feita, é articulada nos seguintes termos: “como devo chamar-te?”. “É assim que se dirige, ternamente, às crianças ou aos amados” (Derrida, 1996/2003, p. 25). Não há pré-requisitos. Antes que o sujeito seja sujeito de direito, antes que seja nominável, ele ganha um chão. Não seria essa uma definição possível para a escrita? Não seria esse o seu dom maior: ceder lugar para rasurar, re-ssuscitar e recriar palavras, suportando a estrangeiridade?

III

Ponderei ser ainda mais interessante, tratando-se da escrita do luto, partir da figura do estrangeiro para pensar a escrita como aquela que, absolutamente, o hospeda. Hospeda o íntimo de um naufrágio emocional. O enlutado não necessariamente é estrangeiro por vir de uma distância geográfica, mas, sim, por ser esse que não cessa de chegar ao branco da página portando o estrangeirismo próprio dos que sofrem uma ruptura, a começar com uma estranheza sentida no próprio corpo, “Uma sensação de eterna dissolução”, escreve Chimamanda Adichie (2021) após perder o seu pai:

A dor não me causa espanto, mas seu aspecto físico sim: minha língua insuportavelmente amarga, como se eu tivesse comido algo nojento e esquecido de escovar os dentes; no peito um peso enorme, horroroso; e dentro do corpo uma sensação de eterna dissolução. Meu coração me escapa — meu coração de verdade, físico, nada de figurativo aqui — e vira algo separado de mim, batendo depressa demais num ritmo incompatível com o meu. (Adichie, 2021, p. 14–15)

Também encontramos logo nas primeiras páginas de Tiago Ferro (2018), em *O pai da menina morta*, linhas destinadas aos espaços vazios do seu corpo: “há centenas de cavidades, buracos, esconderijos, zonas mortas, terrenos baldios” (Ferro, 2018, p. 17). Espaços atualizados com a dor aguda da morte de sua filha de oito anos, passando a ser preenchidos pela náusea, por uma massa pastosa que vai tomando conta de tudo até impedir o músculo cardíaco de bombear sangue. “O coração é um órgão sem mistérios” (Ferro, 2018, p. 17), escreve com o corpo afetado pelo irremediável. Escrever parece amparar a estrangeiridade anatômica de uma perda.

Perder um(a) amado(a) instaura uma segunda estranheza: a relação com o externo. Sigmund Freud (1917/2011), em seu célebre ensaio *Luto e melancolia*, trata da perda de interesse em um mundo que não contém mais o objeto de amor. O mundo passa, rapidamente, a ser tomado como vazio e empobrecido. Há uma recusa por parte do enlutado de tudo que não tenha ligação com a memória do morto, que não o faça lembrar. A continuidade do exterior lhe causa uma espécie de reprovação: “como é possível o mundo seguir adiante, inspirar e expirar de modo idêntico, enquanto dentro da minha alma tudo se desintegrou de forma permanente?” (Adichie, 2021, p. 22), pergunta-se Chimamanda Adichie em suas notas escritas. De modo similar, Noemi Jaffe repudia a famosa frase “a vida continua”: “em certo sentido ela não continua, não. A despeito da

imponderabilidade do tempo, algo estaciona e fica parado lá na parede onde falta o quadro” (Jaffe, 2021, p. 39).

Assim, uma outra mudança, a lida com o tempo. O enlutado torna-se estrangeiro à cadência temporal comum, e vice-versa. Qualquer ritmo ganhará ares de estrangeiridade a ele, que se encontra absorvido pelo seu luto. Seria, seguindo a teorização de Freud (1917/2011), uma devoção, “na qual nada mais resta para outros propósitos e interesses” (Freud, 1917/2011, p. 49). Tal devoção só pode ser diluída quando a prova de realidade vence, ou seja, quando é firmada a não existência do objeto, e a libido investida nele começa a se desligar. Entretanto, a realidade não será atendida prontamente, pelo contrário, a travessia de um luto é lenta: “uma a uma”, alerta Freud (1917/2011), as lembranças serão desligadas, e só então o sujeito poderá ficar livre para investir em outro ou outros objetos.

Qual espaço, senão o da escrita, para asilar e embalar as lembranças mais íntimas com o morto, inscrevê-las em uma temporalidade, muitas vezes, errática? A lembrança, por exemplo, de um gesto, um dedo mindinho que se ergue ao segurar a xícara de café: “o meu pai erguia o dedo mindinho/ quando segurava o copo de café/um costume que herdei por graça/levantar o dedo mindinho e assim como em uma pintura/quase tocar o dedo do meu pai/um quase/realçado pelo espaço vazio” (Godoy, 2023, p. 56). Avançando nas páginas do livro de poemas de Mariana Godoy (2023), atravessado do começo ao fim pela morte do seu pai, encontramos a lembrança dos momentos em que ficavam na *bonbonnière*, do instante cortante em que lhe perguntou sobre o *el niño* — “ele disse que o el niño era um disco voador” (Godoy, 2023, p. 65) — e ela ficou sabendo, pelo resto dos dias, que essa seria uma pergunta para sua mãe.

Vale rememorar as observações de Maurice Blanchot (1955/2011) sobre o poema: “o Aberto, é o poema”, ele diz e ecoa. Sua definição ancora-se na capacidade de o poema ser o espaço “onde tudo retorna ao profundo”, onde existe passagem infinita do domínio do visível ao invisível, “onde tudo morre, mas onde a morte é sábia companheira da vida” (Blanchot, 1955/2011, p. 152), onde são possíveis as antíteses, as contradições, o contrassenso: o pavor se lamenta, a lamentação se glorifica. Onde Godoy (2023) pode grafar o borrão que habitava sua dimensão temporal, um estrangeirismo: “meu pai me chama na cozinha/deve estar querendo alguma coisa/que só eu sei onde está/o açúcar/o

filtro do café/a droga da tampa do liquidificador/grito já vou/e lembro que o enterro dele/foi ontem” (Godoy, 2023, p. 35).

IV

Dois anos após *Luto e melancolia*, em seu texto *Das Unheimliche* [O infamiliar], Freud irá se deter na vivência do infamiliar. Sua investigação apresenta pontos interessantes ao enlace luto-estrangeiro-escrita. São percorridos dois caminhos: as modulações do significado da palavra “infamiliar” na língua e a união de impressões sensíveis, situações que podem despertar o sentimento do infamiliar, visando com elas alcançar um denominador comum que diga do seu caráter. Todavia, Freud anuncia de saída aos seus leitores que ambos os caminhos conduzem ao mesmo resultado, “o de que o infamiliar é uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo” (Freud, 1919/2019, p. 33).

Firma-se, então, a coincidência entre o familiar [*heimlich*], o que há de mais íntimo, com o infamiliar [*unheimlich*], que não deixa de ser, em seus deslizamentos possíveis, o estranho, o inquietante. Ao deslizar infamiliar em estranho, chegamos à sua aproximação com o estrangeiro, já que “estranho” é um dos nomes para estrangeiridade. Freud (1919/2019) oferece como explicação para a correspondência entre o *familiar* e o *infamiliar* o processo de recalque. O sentimento do infamiliar não decorreria da aparição de algo novo, mas de algo antigo, íntimo à vida anímica, que fora afastado por ter sido recalado. Sua máxima se daria em uma revelação, quando o que deveria permanecer oculto acaba sendo revelado ao sujeito.

Uma das experiências apresentadas enquanto passível de despertar o infamiliar é a experiência literária. Além de percorrer detidamente o conto *O Homem de Areia* de E. T. A. Hoffman, e o incomparável efeito de infamiliaridade que atinge aqueles que estabelecem contato com a obra, também pontua outros nomes da literatura alemã que marcam em seus leitores tal efeito. Menos que os mecanismos utilizados pelos escritores e as minúcias da narrativa que logram em provocá-lo, interessa-nos a escrita como lugar de passagem do estranho mais íntimo. Essa é uma primeira pista deixada no texto que inclui o laço entre a escrita, o estranho e a intimidade.

Entretanto, não tarda para que possamos integrar a morte a essa série. Segundo Freud (1919/2019), “o mais elevado grau do infamiliar aparece associado à morte, a cadáveres e ao retorno dos mortos, a espíritos e fantasmas” (p. 87). O domínio da morte sofreu poucas alterações no que diz respeito aos nossos pensamentos e sentimentos em relação a ele. Nossa inconsciente segue sem espaço para a representação da própria mortalidade, as religiões perseveram na ideia de prolongar a existência para além do fim da vida, ainda encontramos cartazes espalhados nas grandes cidades instruindo como estabelecer comunicação com os mortos (Freud, 1909/2019).

Tendo em vista que o infamiliar, em potência, aparece atrelado à morte, e a escrita preserva-se como esta que hospeda o estranho mais íntimo, uma outra ligação entre a escrita e a infamiliaridade emerge. Em vez de a escrita ser apenas capaz de despertar o infamiliar no leitor, na direção que vai da obra a quem a recebe, ela também pode servir como refúgio para que o próprio enlutado testemunhe e transmita a infamiliaridade sentida após a morte de um(a) amado(a). A *transmissão*, na perspectiva de Jean Allouch (2004), está sempre presente quando há morte e luto. Ao morrer, o morto deixa “milhões de marcas” com as quais o enlutado “deve bem fazer algo, ainda que seja nelas não tocar” (Allouch, 2004, p. 165).

Na escrita, toca-se essa linha invisível que vai do morto ao vivo, podendo-se transmitir os rompantes e os rastros de estranheza. Ao perder o pai, José Luís Peixoto (2015) escreve sobre a voz que não acompanhou a morte, pois insiste em seus ouvidos: “quanto é que falta?, ouço ainda. Viro-me de repente e só o lugar vazio, o silêncio mais intenso, o sítio das palavras vago em cada linha de claridade, em toda esta luz. Invento, e digo falta pouco, falta pouco” (Peixoto, 2015, p. 32).

V

O estranho no corpo, na continuidade do mundo externo, no tempo — eis o ternário apresentado até o momento junto à tirania de um luto e o abrigo encontrado no tracejo da escrita. Mas, a partir da seguinte afirmação de Michel Foucault (1963/2009): “a morte é, sem dúvida, o mais essencial dos acidentes da linguagem (seu limite e centro)” (p. 49), soma-se a eles mais um estranho, o estranho na linguagem. A morte de um objeto

estimado acidenta a língua daquele que o ama ao instaurar nela um incorrigível, que se chama, precisamente, a morte.

Há uma ruptura na cadeia de sentido do sujeito provocada pela tentativa de inclusão da morte, do que já não é, lançando-o à esfera do *real*, indizível. O que à primeira vista seria um contrassenso, visto que o *real* marca uma impossibilidade no simbólico, incorpora-se em trabalho a ser realizado, trabalho que vai se avizinhando de um trabalho na/da língua. Torna-se preciso ao enlutado reinventar-se na relação com essa língua desabrigada após a perda do seu amor, essa língua antes compartilhada, que passa a vagar no vazio, na bruta ausência daquele a quem se endereçava.

Diferentemente do que nos diz Ana Martins Marques (2017) em comunicação com Eduardo Jorge: “entre tantas coisas/numa separação/é também uma língua/que se extingue” (p. 23); no luto, uma parcela dessa língua vai, mas uma outra resta com quem permanece em vida. As palavras que antes estavam na ponta da língua da sua mãe morta, o chamamento carinhoso entre eles, ficam em Barthes (1977–1979/2011): “e no entanto — ou mais do que nunca, num ar puro, ponho-me a chorar pensando nas palavras de mam., que continuam me queimando e me devastando: mon R.! mon R.!” (p. 162). O modo como se cumprimentavam Noemi Jaffe e sua mãe, “como vai, como vai, como vai, como vai, vai, vai!” (Jaffe, 2021, p. 59), não a abandona. O que pode a escrita frente ao empreendimento de reinventar uma língua?

Foucault (1968), em uma belíssima entrevista concedida a Claude Bonnefoy, compartilha alguns dos segredos presentes na sua relação com a escrita. Primeiro, ela nasceu quando estava na posição de estrangeiro. Ao deparar-se com a impossibilidade de fazer uso da sua língua materna, descobriu que a língua possui “suas leis próprias, seus corredores, suas escarpas, suas costas, suas asperezas” (Foucault, 1968/2010, p. 38). No estrangeiro, chegou-lhe o entendimento de que, movimentando sua língua nativa sobre a folha em branco, poderia construir uma espécie de “casinha da linguagem” (p. 39), um abrigo para si.

A escrita, além de domiciliar a língua, sempre esteve, para ele, ligada à morte. O que não significa que escrever fosse como assassinar os outros e consumar contra eles, mas lidar com essa morte, “lidar com os outros na medida em que já estão mortos” (Foucault, 1968/2010, p. 45):

Com minha escrita, percorro o corpo dos outros, faço incisões nele, levanto os tegumentos e as peles, tento descobrir os órgãos e, trazendo-os à luz, fazer enfim aparecer esse foco de lesão, esse foco de doença, esse algo que caracterizou sua vida, seu pensamento e que, em sua negatividade, finalmente organizou tudo aquilo que eles foram. (Foucault, 1968/2010, p. 45)

Como se a distância implementada pela morte, a “ínfima defasagem”, fosse essencial para que algo novo pudesse advir, ou mesmo que algo presente no íntimo de uma língua fosse encontrado quando passado à gramatura da folha, “alguma coisa que não tinha visto inicialmente” (Foucault, 1968/2010, p. 49).

Escrever também pode facilitar o processo de reinvenção de uma língua ao facultar ao morto uma “mais” existência. Pelas lentes de Vinciane Despret (2023), em seu livro *Um brinde aos mortos*, a “mais” existência, em outros termos, corresponde a uma promoção de existência do morto. Ela não será a do vivo que ele foi, nem a do morto mudo e inativo, totalmente ausente. Há uma transformação, que confere ao morto uma *certa existência*. Essa *certa existência* passa pelo movimento de situar o morto, isto é, “dar-lhe” um lugar. “É preciso encontrar um lugar, de múltiplas maneiras e na grande diversidade de significações que pode ter a palavra ‘lugar’” (Despret, 2023, p. 17).

Despret (2023) evoca o exemplo de Patrick Chesnais ao dizer que seu filho viveria, graças às suas cartas, “alguns anos a mais, de *outro modo*”. Contestando o pedido social dominante de que se desfaçam as ligações com o morto, a escrita, como hospedeira absoluta, ocupa uma posição diferente: as ligações com a língua íntima partilhada podem ser re-suscitadas, re-escutadas, enfim, reelaboradas, em um compasso próprio.

VI

“Orienta-te rapaz. Eu oriento-me, pai. Não se preocupe. Eu também sei, eu também consigo. Eu oriento-me, pai. Não se rale. O trabalho não me mete medo. Esteja descansado, pai” (Peixoto, 2015, p. 11–12), grava José Luís Peixoto. A escrita hospeda uma conversa antiga, que se atualiza no próprio ato de escrever. Hospeda, retomando Derrida (1996/2003), *absolutamente*, pois nada pede, nada exige daquele que chega atravessado pelo cume da dor. Distintas de uma hospitalidade ordinária, que tropeça em uma vírgula, em um “mas”, essas escritas do luto nos apontam que a página em branco pode soar como um chão sem restrições.

Um chão onde uma língua, esgarçada pela morte, reinventa-se. Uma língua que carece de encontrar outras vias, já que não se esvai por completo. O princípio, o grau zero de uma língua entre dois, seu ponto de partida, não é um consenso, mas, por vezes, seu nascedouro está na escolha do nome: Lilian, “o pai respondeu/lilian com n/“de navio” (Sais, 2024, p. 8). “N” que, após a morte do pai que a batizara, filia-se pela escrita: “lilian com n “de navio”/como se com isso/disse esse que sou filha/do meu pai” (Sais, 2024, p. 16). Como se, com esse trabalho orquestrado no íntimo da escrita, alguns segredos da navegação da perda fossem sendo revelados: “o segredo é deixar/a onda vir/a gente só se afoga quando perde/a calma” (Sais, 2024, p. 34).

Ganha-se, nessa hospedagem, a possibilidade de habitar uma outra temporalidade que não a cronológica. As descontinuidades, as vacilações, o caótico e o errático podem, então, se inscrever: “há um tempo em que a morte é um *acontecimento*, uma ad-ventura, e como tal mobiliza, interessa, tensiona, ativa, tetaniza. E depois, um dia, já não é um acontecimento, é uma outra duração, comprida, insignificante, inenarrada, abatida [...]” (Barthes, 1977–1979/2011, p. 48). Entre as tensões e as insignificâncias, algo, do íntimo de um luto, vai se *realizando* na/pela escrita.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- ALLOUCH, Jean. *Erótica do luto no tempo da morte seca*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- BARTHES, Roland. *Diário do luto (1977–1979)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- DERRIDA, Jacques. *Da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DESPRET, Vinciane. *Um brinde aos mortos*. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- DIAS, Bianca. *Névoa e assobio*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.
- FERRO, Tiago. *O pai da menina morta*. São Paulo: Todavia, 2018.

FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund. *O Infamiliar [Das Unheimliche]*. Tradução: Ernani Chaves, Pedro H. Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GODOY, Mariana. *Holograma*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2023.

JAFFE, Noemi. *Novela de um luto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MARQUES, Ana Martins. *Como se fosse a casa: uma correspondência*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

PEIXOTO, José Luís. *Morreste-me*. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

SAIS, Lilian. *Palavra nenhuma*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2024.

TIMERMAN, Natalia. *As pequenas chances*. São Paulo: Todavia, 2023.

Recebido em: 01/02/2025
Aceito em: 03/06/2025

ⁱ **Maria Luiza Moraes** é mestrandona em psicologia na linha “Contextos de desenvolvimento, clínica e saúde” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (PPGPSI/UFBA). Pesquisa as relações entre escrita e luto. **E-mail:** moraesdemarialuiza@gmail.com

ⁱⁱ **Suely Aires** é psicanalista, mestre e doutora em Filosofia (Unicamp). Professora do Instituto de Psicologia e Serviço Social/UFBA. Membro fundadora do Centro de Pesquisa Outrarte. Líder do Grupo de Pesquisa Hiato: psicanálise, clínica, política. **E-mail:** suely.aires7@gmail.com